Editorial

Muito haveria a dizer sobre este número tão atrasado, sobre este presente tão doloroso, sobre estas eleições em que, além de pela tolice política da “democracia parlamentar”, somos confrontados à defesa da ditadura e da tortura por candidatos líderes, messias, salvadores da pátria, policialescos...a serem tolerados, paradoxalmente – já que atacam as suas condições de existência –, em nome da defesa da mesma “democracia”.

Não sei se o número será lançado antes de 28 de outubro. Se o for, ainda há tempo de evitar o pior do pior, pois na pior já estamos, digitando 13 – uma revista como a nossa goza da vantagem de não ter medo (nem sede a ser atacada por fascistas). Se sair depois, e o pesadelo se confirmar, mais do que nunca ela se mostrará necessária a alguma conspiração (respiração conjunta, Guattari *dixit*) possível.

Apesar de tudo, porém, ainda há vida libertária e inteligente nas redes, por mais que elas pareçam, hoje, meros reféns passivos da idiotização planetária em marcha. Por isso, tentando preservar a alegria, embora muito triste para dizer algo de belo e forte, recorro, no presente editorial, ao texto de Alexandre Magno de Carvalho, “Somos todos Bendegó”. Através dele, agradeço aos colaboradores de todas as horas por mais este número, vivo, rigoroso e intenso, de *Mnemosine*.

Saúde e Liberdade, sempre.

Boa leitura.

Até breve.

Heliana de Barros Conde Rodrigues

terça-feira, 4 de setembro de 2018

Somos todos Bendegó!

Com a alma em cinzas e sob impacto de mais um golpe funesto e inominável à memória social, ao passado, à história, à Clio, à *Mnemosýne*, mãe das Musas, ao que de mais belo o humano é capaz de erguer, resolvi escrever um pouco. Ainda cato palavras. Mas as palavras estão quentes, queimam-me a língua e me escapam, como labaredas.

Mas não, não quero me deter no que senti - e tantos sentiram - enquanto um nosso templo das Musas

[*mouseion*] ardia, nossas peles ardiam, dissolvendo-se como um fóssil de 80 milhões de anos, como papiros milenares, como livros em tantas fogueiras ao longo da história, apagando-se como Luzia, que atravessou cerca de 13000 anos sem que lhe conseguissem roubar a luz.

Todavia, por efeito de um golpe, um golpe de má-sorte, se é que me compreendem, Luzia não luz mais - ou, ao contrário, há de luzir ainda mais, em nossa memória, imaginação e vontade de lutar.

Sim, quero falar de Bendengó, o meteorito Bendengó, imensa pedra de raio que atravessou o tempo e o espaço sideral, os céus, a atmosfera terrestre e foi encontrado por um menino negro [um erê!], no sertão da Bahia, no final do século XVIII. Na tentativa de transportá-lo para a capital, rolou ribanceira e foi dar no leito de um rio. Ficou por lá por mais de cem anos. No final do século XIX, Pedro II ordenou uma complexa operação de engenharia para trazê-lo ao Museu Nacional, por via férrea, onde está até hoje. Sim, até hoje, pois Bendengó SOBREVIVEU ao atentado golpista.

Para nós, que estamos na resistência e na luta pela emancipação humana, não tenho dúvida, é um sinal: Somos todos Bendengó! A história não acabou, o passado não morreu, nossos ancestrais estão presentes, a luta continua!

nota: para quem é de Asè e cultua a ancestralidade, a mística e a memória, essa história está repleta de conexões simbólicas e sinais, a animar uma resistência secular.

Escravagistas, capitalistas, racistas, 'fascistas' e símiles de toda ordem, sua hora de queimar há de chegar. Somos todos Bendengó!

Postado por Alexandre M T de Carvalho